

**Veículo:** *O Estado de S.Paulo*

**Data:** 18/5/2010

**Autor:** Leandro Modé

## **Ex-líderes defendem reforma financeira**

*Seminário reuniu Fernando Henrique e  
ex-governantes de Espanha, Chile e Uruguai*

Uma regulação mais apertada do sistema financeiro é condição-chave para que o mundo não enfrente novas crises como a que explodiu em 2008, após a quebra do banco de investimentos americano Lehman Brothers. No entanto, as reformas devem ser feitas cuidadosamente, para que não sufoquem a inovação e outras virtudes do livre mercado.

A avaliação foi expressa ontem, em São Paulo, pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e três colegas que também lideraram seus países: Felipe González (presidente do governo da Espanha de 1982 a 1996), Ricardo Lagos (que comandou o Chile entre 2000 e 2006) e Julio María Sanguinetti (que governou o Uruguai em dois períodos, de 1985 a 1990 e 1995 a 2000).

Eles participaram de um seminário no Instituto Fernando Henrique Cardoso, logo após a inauguração de uma exposição sobre o Plano Real, e de um almoço oferecido pela BM&FBovespa no prédio da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa).

"O sistema financeiro não pode continuar desregulado como era. Isso não quer dizer sufocado. Tem de haver uma regulação flexível", disse Fernando Henrique. "O mundo está sofrendo esses ziguezagues todos porque até hoje não foi capaz de produzir uma regulação financeira internacional suficientemente consistente e flexível."

"Temo que, uma vez feita a operação de resgate (dos bancos), não se regule o sistema financeiro e ele siga funcionando como um cassino sem regras. Podemos estar encubando uma outra crise", afirmou González.

O espanhol se mostrou tão preocupado com a situação que preferiu falar em mundo pós-recessão, não pós-crise. "Não me atrevo a falar em pós-crise se não houver uma reforma do sistema financeiro", observou.

Sanguinetti lembrou que a quebra do Lehman Brothers, até o momento, não ficou "nas mãos de ninguém". "Onde estão os irmãozinhos?", ironizou. "Onde estão os responsáveis pelo Goldman Sachs?", indagou, referindo-se ao banco americano que sofre duas acusações.

A primeira delas, feita pela Comissão de Valores Mobiliários dos EUA (SEC, na sigla em inglês) é a de ter vendido para clientes produtos financeiros contra os quais apostava. Ou seja, o banco beneficiou-se de prejuízos apurados pela clientela. A outra acusação, de autoridades europeias, é a de ter ajudado o governo da Grécia a maquiar dados das contas públicas.

Instituições. Um dos grandes desafios apontados por eles diz respeito à falta de entidades multilaterais para lidar com os problemas financeiros. "Como dar respostas globais a problemas globais?", indagou Lagos.

González lembrou que, nos dias de hoje, uma epidemia rapidamente se transforma em pandemia, justamente por causa da ligação entre os países.

Outro consenso entre os ex-presidentes é o de que as soluções, quando aparecerem, serão tomadas por um conjunto de nações ? ainda que as propostas surjam nos EUA e na Europa, onde os problemas eclodiram e ainda são fortemente sentidos.

Uma das provas desse "novo" mundo, apontou Lagos, foi a convocação do G-20 pelo então presidente americano, George W. Bush, para discutir as respostas à crise durante seu momento mais agudo. "Ele não convocou nem o G-7 nem o G-8", disse.

González também destacou que a "nova realidade geopolítica internacional" é caracterizada pelas decisões multilaterais, não mais pelo domínio de duas superpotências.

América Latina. Os ex-presidentes salientaram o bom desempenho da América Latina na crise. "O Brasil aprendeu há muitos anos o que é uma crise financeira. Fez mais reformas para defender-se da turbulência de uma crise do que os EUA", exemplificou González.

Fernando Henrique ponderou, no entanto, que, "na história, nada está assegurado". Por isso, voltou a defender reformas que deem "a estabilidade necessária para a população viver melhor".